

BOLETIM

GEOCORRENTE

07 de outubro de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 149

Grécia e França reforçam parceria de cooperação em Defesa

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



BOLETIM GEOCORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE SILVIO LUIS DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (UNIVERSITY OF BIRMINGHAM)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VANESSA PASSOS BANDEIRA DE SOUSA (ESG)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

JOSÉ MARTINS RODRIGUES JUNIOR (UFRJ)

LUCIANO VENEU TERRA (UFF)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELA PAULUCCI DA HORA VIANA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

GUILHERME FRANCISCO PAGLIARES DE CARVALHO (UFF)

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUIZ FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (EGN)

MARIA CLAUDIA MENEZES LEAL NUNES (USP)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

VITÓRIA DE FRANÇA FERNANDES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (SAINT PETERSBURG UNIVERSITY)

VITOR FERREIRA LENGROBER (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO (PUC-RIO)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

GUILHERME NOVAES SILVA PINTO (UFRJ)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		SUL DA ÁSIA	
Migração e segurança: crise na fronteira entre Chile e Bolívia	5	Principais impactos do AUKUS para a política externa indiana	11
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		LESTE ASIÁTICO	
Aquecimento do Atlântico e as políticas climáticas de Biden para os oceanos	6	As ilhas Curilas e a disputa Russo-Japonesa	12
ÁFRICA SUBSAARIANA		O atual estágio do programa de Submarinos da China e suas tendências	
Ruanda, França e o tabuleiro moçambicano.....	7	13	
EUROPA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
O exercício REP MUS 21 e a primeira participação da Espanha	8	Novos parceiros militares para o Vietnã	14
Grécia e França reforçam parceria de cooperação em Defesa	8	TEMAS ESPECIAIS	
RÚSSIA & Ex-URSS		O possível emprego de propulsão nuclear para embarcações comerciais.....	
O impasse geopolítico e os empecilhos para entrada da Ucrânia na OTAN	9	15	
Segurança energética em foco: a nova jogada da Gazprom	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
		16	
		Calendário Geocorrente.....	
		16	
		Referências.....	
		17	
		Mapa de Riscos.....	
		18	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por Rafael Esteves Gomes



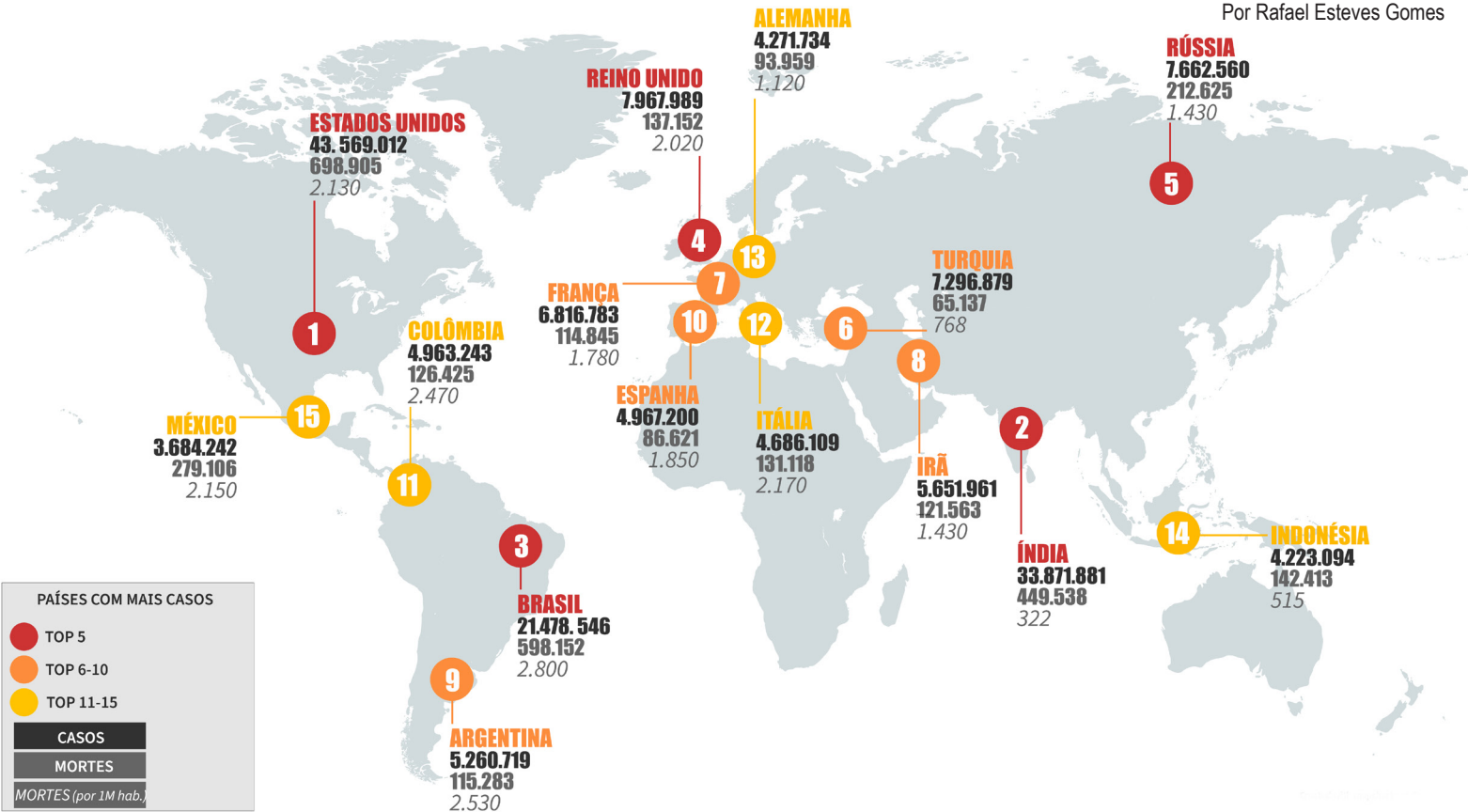
Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 07 de outubro de 2021.

Por Rafael Esteves Gomes



PAÍSES COM MAIS CASOS

- TOP 5
- TOP 6-10
- TOP 11-15

CASOS

MORTES

MORTES (por 1M hab.)

ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
Ranking dos países com mais doses aplicadas e colocação correspondente à população vacinada				
País	Doses aplicadas*		População vacinada (%)	Vacinas
	(milhões)	(por 100 pessoas)		
China	2.216,3 (1°)	159	79 (11°)	CanSino Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac; ZF2001
Índia	923,5 (2°)	68	49 (77°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca Sputnik V
Estados Unidos	398,6 (3°)	120	65 (47°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
Brasil	243,5 (4°)	115	72 (29°)	Johnson&Johnson Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Moderna
Japão	171,1 (5°)	136	73 (28°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Moderna
Indonésia	150,2 (6°)	56	35 (99°)	Oxford/AstraZeneca Sinopharm/Beijing Pfizer/BioNTech Sinovac
Turquia	111,3 (7°)	134	65 (48°)	Pfizer/BioNTech Sinovac
Alemanha	108,5 (8°)	131	68 (38°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech Oxford/AstraZeneca
México	104,5(9°)	82	51 (72°)	CanSino Johnson&Johnson Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech Sinovac Sputnik V
França	95,5 (10°)	143	75 (22°)	Johnson&Johnson Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech

*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).

Migração e segurança: crise na fronteira entre Chile e Bolívia

Pedro Kilson

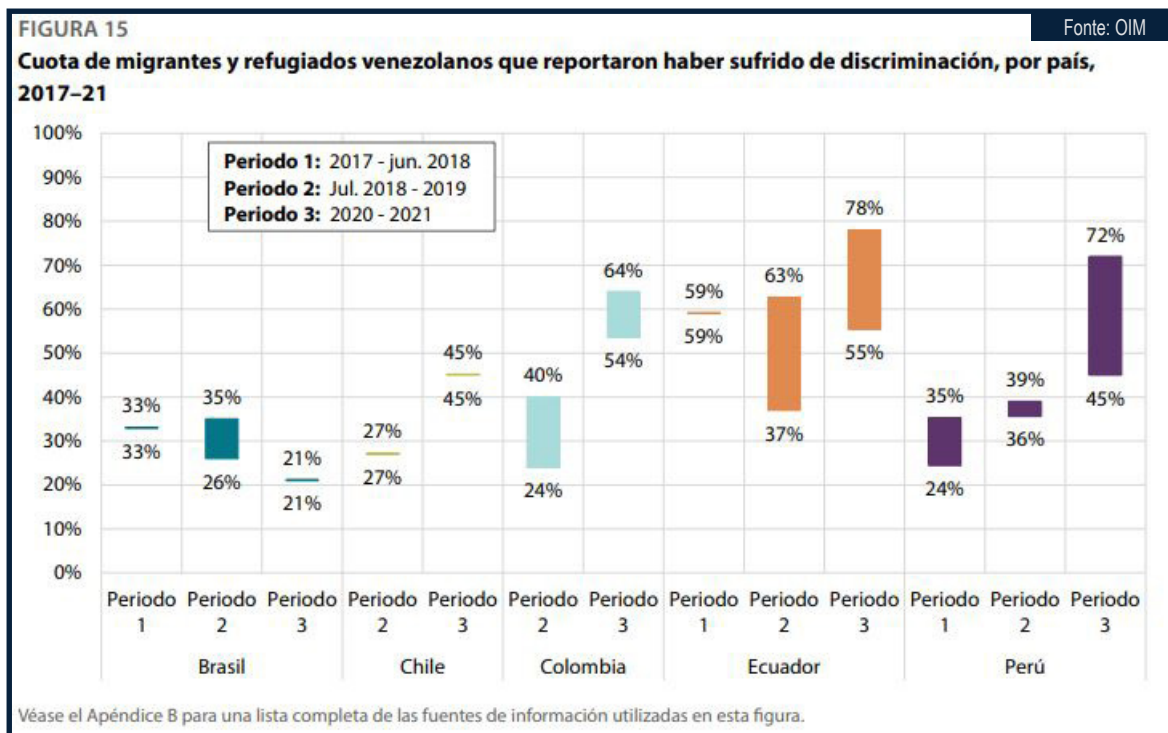
A região fronteiriça que abarca o norte chileno e o oeste boliviano, no deserto do Atacama, constitui um território historicamente marcado por conflitos geopolíticos e econômicos. As crises que se intensificaram na América do Sul contribuem para a desestabilização da região, em um espaço que abarca questões vinculadas à pandemia, migração, tráfico de drogas, segurança estatal e atuação das Forças Armadas. Nesse contexto, o Chile permanece um destino propício para migrantes e refugiados, que utilizam vias terrestres irregulares para acesso ao país. Esse cenário estimulou um debate polarizado na opinião pública, além de ações mais assertivas, por parte do Estado, dentro de paradigmas da segurança. Assim, qual deve ser o caráter de atuação das instituições, num esforço de coordenação regional para a superação da crise fronteiriça?

Em setembro de 2021, o *Ministerio del Interior y Seguridad Pública de Chile*, em coordenação com o *Ministerio de Defensa Nacional*, estipulou instruções para o fortalecimento da fronteira norte do país, por meio de novos postos de observação e vigilância armada, com a presença de agentes de segurança pública (*Carabineros e Policía de Investigaciones*), bem como com militares

do Exército. Crimes transnacionais, como tráfico de drogas e de pessoas, configuram o foco da atuação estatal, especialmente no entorno da cidade de Colchane, próxima à fronteira com a Bolívia. No mesmo mês, a detenção de soldados bolivianos, acusados de roubo de carro em território chileno, aguçou um conflito diplomático e adicionou mais uma variável desestabilizadora na região.

Quanto aos processos de migração, pesquisas revelam um aumento significativo da entrada irregular de pessoas, em torno de 24 mil entre janeiro e junho de 2021, alcançando um índice histórico. Nesta conjuntura, destacam-se crimes relacionados ao tráfico de pessoas em situação de vulnerabilidade, orquestrados por grupos que se dedicam também ao contrabando e ao narcotráfico.

Dessa forma, os governos regionais devem estabelecer políticas estatais, de caráter coordenado e fundamentadas na complexidade das variáveis que envolvem a crise fronteiriça. Devem-se direcionar esforços à reversão dos desdobramentos econômicos e sanitários da pandemia, ao desmantelamento de organizações criminosas transnacionais, e ao desenho de políticas que garantam um processo migratório seguro aos que necessitam.



Aquecimento do Atlântico e as políticas climáticas de Biden para os oceanos

Ana Carolina Vaz Farias

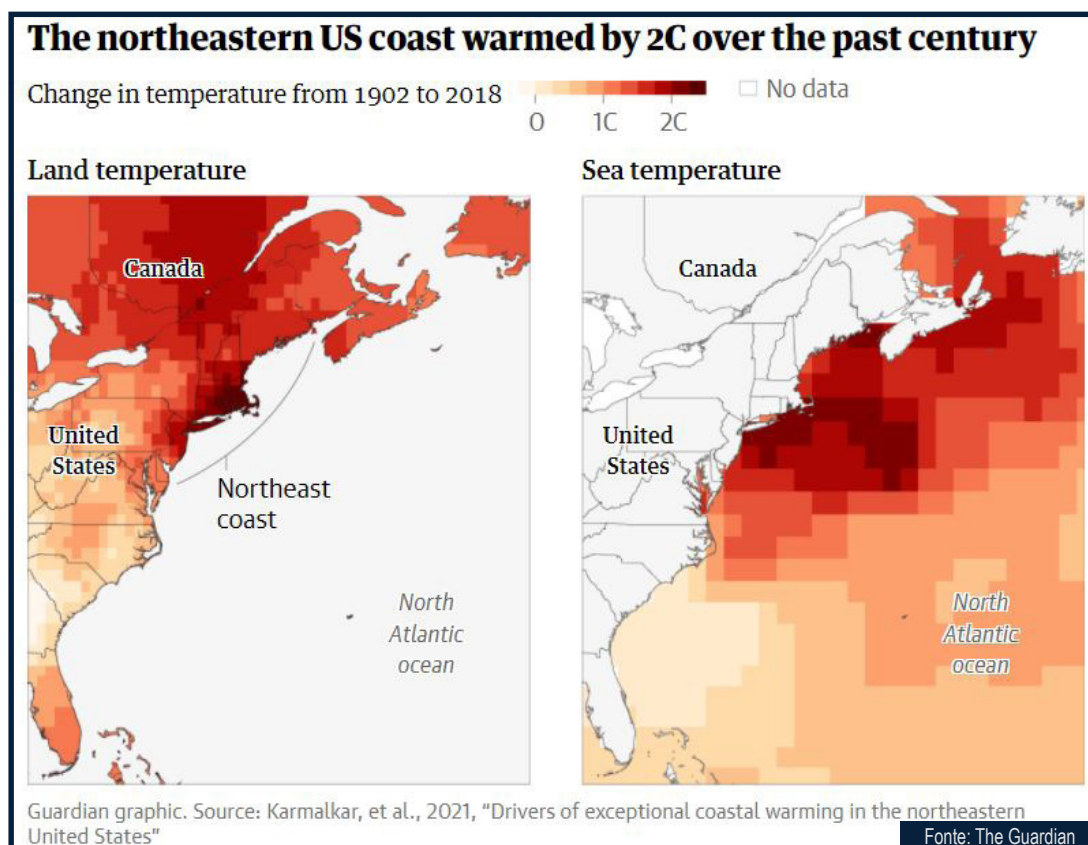
A emergência das questões ambientais na política internacional e o reconhecimento da influência das mudanças climáticas sob aspectos socioeconômicos dos países estão mudando as políticas externas e domésticas dos Estados. A costa nordeste dos Estados Unidos (EUA) já aquece 2°C, sendo o Golfo de Maine a região com aquecimento mais rápido das águas do planeta. De que maneira a administração de Joe Biden pretende lidar com essa questão?

Primeiramente, necessita-se compreender como as mudanças climáticas estão afetando os EUA em sua costa leste a partir do aquecimento do Oceano Atlântico. Segundo especialistas, esse aquecimento ocorre em virtude do acúmulo de águas quentes, como consequência da redução da circulação do sistema de correntes *Atlantic Meridional Overturning Circulation*. Esse cenário tem sérias implicações para a vida humana, visto que cerca de 36% da população total dos Estados Unidos vivem em estados costeiros ao Atlântico. Com isso, se o processo de aquecimento se mantiver, a região sofrerá com a elevação do nível do mar, com inundações e com mudanças no ecossistema marinho e dos recursos pesqueiros, o que ocasionaria problemas socioeconômicos, como

insegurança alimentar e habitacional.

Outrossim, destaca-se que desde o período eleitoral e o início do governo Biden, o posicionamento estadunidense foi marcado pelo comprometimento com as questões climáticas e de conservação oceânica. Sob a administração Biden, o país reingressou no Acordo de Paris (do qual o ex-presidente Donald Trump havia retirado os EUA, em 2019), estabeleceu um compromisso de conservação de 30% da costa do país e de redução de 50% das emissões de gases do efeito estufa até 2030. Além disso, disponibilizou um orçamento de US\$ 6,9 bilhões para a *National Oceanic and Atmospheric Administration*, valor 50% maior que a proposta orçamentária da última administração, visando a proteção dos recursos marinhos e a promoção de pesquisas sobre o clima.

Ademais, estabeleceu como objetivo de seu governo atingir 30 *gigawatts* de produção de energia eólica *offshore* até 2030. Medidas essenciais para o combate às mudanças climáticas que atendem os objetivos da Década do Oceano e convergem com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (2030) da Organização das Nações Unidas.



Ruanda, França e o tabuleiro moçambicano

Franco Alencastro

Após quase quatro anos do conflito contra os extremistas do Ansar Al Sunna, marcados por uma ausência de avanços significativos, Moçambique obteve, em agosto de 2021, uma vitória que pode ser decisiva. O auxílio das tropas de Ruanda, que chegaram no país lusófono no mês de julho, permitiu a obtenção de uma vantagem militar considerável, mas pode ser ainda mais importante pelo que representa para os interesses de Ruanda — particularmente quando é considerado o envolvimento indireto da França.

A captura da cidade de Mocimboa da Praia pelas Forças de Ruanda e de Moçambique, no dia 09 de agosto, representou a maior vitória contra os extremistas do Ansar Al Sunna desde o início do conflito, em 2017. Em uma ofensiva no dia 25 de setembro, as forças regionais da África Austral confirmaram a derrota de um líder militante islâmico junto com 18 outros combatentes. O centro urbano, um dos maiores da província de Cabo Delgado, havia sido capturado pelos extremistas em agosto de 2020. A cooperação entre os dois países foi anunciada no dia 24 de julho e envolveu o envio de mil militares ruandeses ([Boletim 145](#)). Privado de seu principal centro de abastecimento, é possível que o Ansar

Al Sunna se enfraqueça, embora sua derrota definitiva ainda seja algo difícil de se prever.

Embora Ruanda tenha ganhos políticos com essa vitória, a atuação do país deve ser analisada a partir de sua relação com a França. Em 29 de maio, a visita do presidente francês Emmanuel Macron ao país africano foi concluída com o anúncio de um acordo de cooperação de US\$ 410 milhões, a serem desembolsados até 2023, em projetos que vão da infraestrutura de fornecimento de água, à saúde e ao combate à COVID-19.

A cooperação francesa e o envolvimento de Ruanda em Moçambique não estão desconectados. Poucos dias antes do acordo entre Ruanda e França, em 26 de abril de 2021, foi anunciado que a petroleira francesa Total suspenderia seu projeto de exploração de gás natural na região de Cabo Delgado, avaliado em cerca de US\$ 23,7 bilhões. O envolvimento de Ruanda no conflito de Cabo Delgado se dá, portanto, para garantir a segurança da região na retomada dos investimentos internacionais. A derrota dos extremistas por Ruanda, desse modo, prepara o terreno para a retomada dos investimentos franceses na região de Cabo Delgado, ao mesmo tempo em que Ruanda se beneficia com a cooperação francesa.



O exercício REP MUS 21 e a primeira participação da Espanha

Marina Aufran

A modernização dos equipamentos da Marinha é um assunto importante para diversos países. Dentro da OTAN, o exercício REP MUS 21 (na sigla em inglês, *Robotic Experimentation and Prototyping Augmented by Maritime Unmanned System*), ocorrido em Portugal no final do mês de setembro, procurou testar novas tecnologias marítimas com foco nas embarcações não tripuladas. Com a aquisição pela Espanha de seu primeiro *Unmanned Surface Vehicle* (USV) em 2022, questiona-se a importância da participação espanhola no exercício naval.

O REP MUS 21 é um exercício experimental anual, iniciado em 2010, para testar em grande escala sistemas não tripulados em um ambiente cooperativo e multinacional. Além de avaliar funcionalidades de sensores e sistemas operacionais em diferentes cenários, também tem o objetivo de explorar suas capacidades para solucionar problemas atuais alinhados com o *NATO Defence Planning Process*. Organizado por Portugal, o exercício de 2021 teve participação de Marinhas de 17 países, 06 agências da OTAN, 18 empresas, 05 universidades e outras 04 agências internacionais. A primeira participação espanhola no exercício foi composta por uma equipe de 06 militares da Marinha espanhola e 04 empresas desenvolvendo protótipos de navios autônomos.

A Espanha percebe a aquisição do USV como uma questão urgente para modernização de sua Marinha, na esteira de outros países, como Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia. Vale ressaltar que o Porto de Ceuta já utiliza a embarcação *USV Vendaval* há dois anos em missões de vigilância, controle marítimo e proteção do meio ambiente, sendo o primeiro programa na Espanha desse tipo, porém em uma instalação civil. O exercício procurou fortalecer laços com outras Marinhas e aumentar a cooperação com universidades e indústrias. Assim, foi também importante para avaliar outros protótipos de embarcações não tripuladas desenvolvidos por empresas espanholas, tais como o *USV SEAD 23*, *USV Kaluga* e *UAV Airfox*. Além disso, é uma preparação para o exercício *Dynamic Messenger 22*, que será o primeiro no aprofundamento da doutrina de emprego desses sistemas navais.

Portanto, a primeira participação espanhola no REP MUS foi um passo importante para o país e à sua Marinha. O tema é urgente considerando que outros países já adquiriram essas tecnologias. A aquisição do USV é importante para questões de Defesa, principalmente no reforço de missões de vigilância e para combater a pirataria, e será uma tecnologia cada vez mais comum nas operações navais.

DOI 10.21544/2446-7014.n149.p08.

Grécia e França reforçam parceria de cooperação em Defesa

Thaís Dedeo

A disputa por águas territoriais no Mediterrâneo Oriental provocou fortes tensões entre a Grécia e a Turquia em 2020 e, nesse contexto, a Grécia encontrou na França uma aliada estratégica. No último 28 de setembro, o presidente francês, Emmanuel Macron, e o primeiro-ministro grego, Kyriákos Mitsotákis, assinaram um acordo militar pelo qual a empresa francesa *Naval Group* irá fornecer três fragatas de defesa e intervenção da classe *Belharra* até 2025. O que explica a escolha grega de reforçar a cooperação com a França e o que isso pode significar para a Europa?

O fortalecimento dessa parceria se inscreve na necessidade de modernização das Forças Armadas gregas para conter as provocações turcas. Entre 2019 e 2020, os gastos militares de Atenas caíram quase 4%, seguindo uma tendência de queda do orçamento militar do país na última década (US\$ 10,64 bilhões em 2009 para US\$ 5,47 bilhões em 2019). Sendo a França capaz de responder a essa demanda por tecnologia de defesa,

a Grécia encomendou 18 caças *Rafale* da empresa *Dassault* em janeiro desse ano e foi anunciada a intenção de adquirir mais seis caças em setembro.

Ademais, a França foi um dos poucos países da União Europeia, no auge das tensões no Mediterrâneo Oriental a direcionar dois navios e dois caças *Rafale* em apoio à Grécia e ao Chipre. O acordo assinado contém inclusive um dispositivo de defesa mútua, apesar de não estar definido o que isso pode significar na eventualidade de um conflito por zonas marítimas. Nota-se que Paris será uma aliada cada vez mais importante para Atenas, pois o Mediterrâneo faz parte do entorno estratégico de ambos os países e a exploração de reservas de hidrocarbonetos nas águas territoriais gregas por empresas francesas, em oposição às reivindicações turcas, os une.

O Acordo entre a França e a Grécia também possui uma forte dimensão estratégica europeia. Segundo o presidente Macron, os europeus necessitam assumir a responsabilidade do pilar europeu dentro da OTAN, »

devido aos Estados Unidos estarem reorientando seus interesses para o Indo-Pacífico. Inclusive, atualmente, a Europa tornou-se a principal zona de exportação de equipamentos de defesa franceses.

Portanto, parcerias militares e uso de equipamentos

comuns são vetores para o desenvolvimento de uma defesa europeia. Nesse sentido, uma maior interoperabilidade e aproximação entre as Marinhas francesa e grega, podem representar o começo de uma iniciativa empregada a nível europeu, um passo em direção à uma defesa europeia.



DOI 10.21544/2446-7014.n149.p08-09.

RUSSIA & EX-URSS

O impasse geopolítico e os empecilhos para entrada da Ucrânia na OTAN

Pedro Mendes Martins e Pérsio Glória de Paula

Os eventos do Euromaidan, que culminaram na crise de 2014, indicavam uma clara tendência de integração da Ucrânia ao bloco ocidental. No entanto, apesar das reformas e concessões feitas por Kiev, a Ucrânia enfrenta uma série de obstáculos para atingir esse fim. Além disso, alguns países membros do bloco europeu e da OTAN preferem evitar um aumento das tensões com a Rússia. Nesse sentido, qual a plausibilidade geopolítica da entrada da Ucrânia na OTAN no curto e médio prazo?

Atualmente, os principais apoiadores da entrada da Ucrânia na OTAN são a Polônia e os países Bálticos. Por possuírem atritos relevantes com a Rússia, eles têm interesse geopolítico em mover as fronteiras da organização mais a leste. Todavia, isto não é unânime dentro da aliança militar. A resistência que a Ucrânia tem sofrido na sua adesão à OTAN e à União Europeia está ligada a motivos que incluem medidas domésticas tomadas pelo governo ucraniano desde a Euromaidan e à significativa influência russa na região e no sistema internacional.

Um dos principais oponentes à adesão ucraniana é a Hungria. Em uma entrevista à agência de notícias russa, TASS, o ministro das Relações Exteriores húngaro, Péter Szijjártó, argumentou que as novas leis restringindo o uso de línguas minoritárias na Ucrânia são incompatíveis com os valores democráticos da Organização. Inicialmente voltada para impedir o ensino da língua russa, a medida também afetou a minoria húngara, a qual conta com uma comunidade de 160 mil pessoas no país. A Hungria também tem, recentemente, se aproximado da Rússia, tanto no âmbito diplomático quanto no econômico, sendo um dos primeiros países do bloco europeu a comprar e utilizar a vacina russa *Sputnik V*. Ademais, os próprios Estados Unidos desejam evitar uma escalada com a Rússia, uma vez que seu foco é lidar com a ascensão chinesa, o que acaba evidenciando um apoio limitado à Kiev, apesar da continuidade da retórica anti-russa.

Assim, percebe-se a falta de um consenso sobre a entrada da Ucrânia na OTAN. Geopoliticamente, Hungria e os Estados Unidos não veem como inteiramente >>>

benéfica a adesão da Ucrânia ao bloco, devido ao risco de aumentarem as tensões com Moscou, às questões de segurança energética e à crescente disputa global entre Pequim e Washington. Igualmente, as medidas

domésticas tomadas por Kiev dificultam sua posição, já que servem de argumento para aqueles que apontam a incompatibilidade do país com os valores das instituições ocidentais.



DOI 10.21544/2446-7014.n149.p09-10.

Segurança energética em foco: a nova jogada da Gazprom

Luiza Guitarrari

Segurança energética é um componente estratégico sob influência de importantes atores, com destaque à Rússia. Enquanto maior fornecedor de gás natural com destino à Europa (cerca de 40% das importações), Moscou é capaz de influenciar acordos de abastecimento e delinear novas rotas de trânsito. Por outro lado, a União Europeia (UE) experimenta uma crise no abastecimento desse recurso, vide o aumento dos preços e competição global por GNL no último semestre. Destarte, o gás natural russo pretende ser um forte impulsionador dessa mudança, porém, mais do que antes, será uma ferramenta tanto para a cooperação quanto para a dissuasão. Assim, como o novo acordo de fornecimento de gás russo para a Hungria pode impactar a região?

A atual crise energética europeia ocorre em paralelo a dois eventos perpetrados pela *Gazprom*: o acordo de gás com a Hungria e a conclusão do gasoduto *NordStream 2* junto à Alemanha ([Boletim 140](#)). Este último que, segundo a empresa russa seria fundamental para resolver a crise de abastecimento na região, com capacidade de até 55 bcm (*billion cubic meters*) de gás anuais. Todavia,

ambos projetos orbitam em torno de um mesmo objetivo: contornar o território ucraniano.

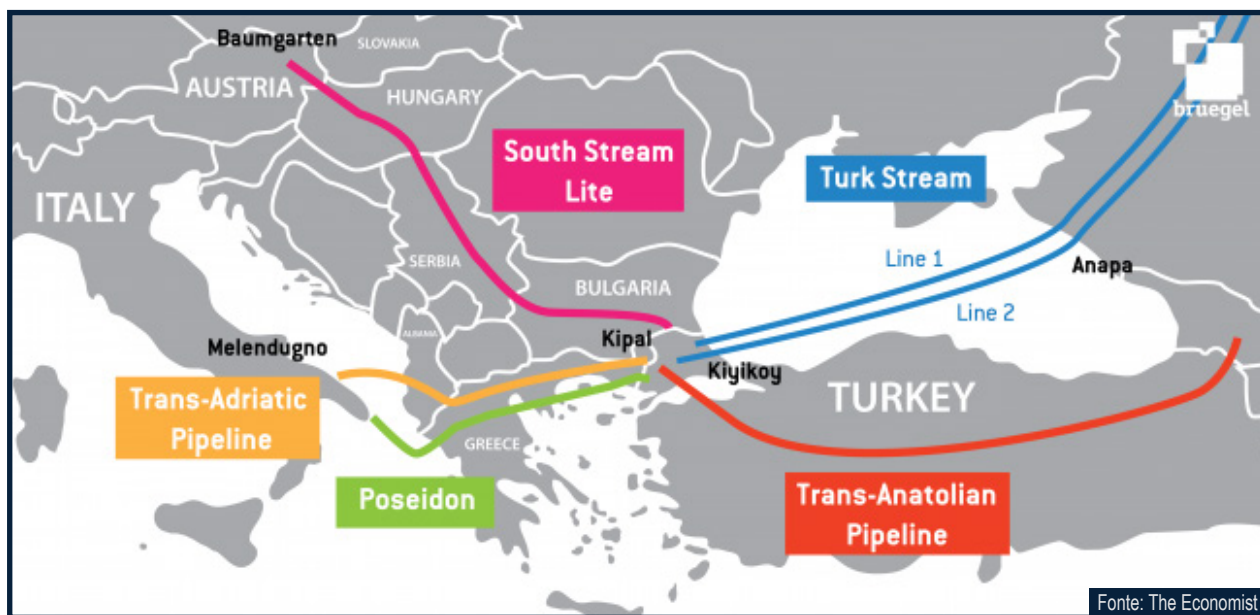
Desse modo, firmado em 27 de setembro, o novo acordo de abastecimento de gás entre a empresa russa *Gazprom* e a *joint venture* russo-húngara *Panrugaz* pretende abastecer a Hungria por um período de até 15 anos. Por meio do Gasoduto *Turkstream* ([Boletim 14](#)), estima-se que serão transportados cerca de 4.5 bcm anuais de gás. O bombeamento do recurso está previsto para iniciar neste mês, 3.5 bcm serão transportados através da interconexão Hungria-Sérvia e 1.0 bcm pela Áustria.

A relação bilateral entre os países é, portanto, um ponto de inflexão perante o bloco europeu e sua vizinha Ucrânia. Especialmente pelo fato de a Hungria ser considerada como um dos últimos parceiros da Rússia que compõem tanto a UE quanto a OTAN e pela diversificação de rota de trânsito que fará com que a Ucrânia perca cerca de US\$ 3 bilhões anuais em receitas.

Tendo isso em vista, o acordo com a Hungria deflagra um novo capítulo da cooperação político-econômica entre Moscou e Budapeste. Além disso, o significativo >>>

volume de importações de gás pressiona o bloco europeu a aceitar as negociações e empreendimentos russos, de modo a (re)equilibrar o abastecimento de gás para

o inverno e, dessa forma, não perpetuar a insegurança energética para seus cidadãos.



DOI 10.21544/2446-7014.n149.p10-11.

SUL DA ÁSIA

Principais impactos do AUKUS para a política externa indiana

Rebeca Leite

Recentemente, Austrália, Estados Unidos e Reino Unido anunciaram um pacto de segurança, chamado AUKUS, direcionado para a região do Indo-Pacífico (Boletim 148). De acordo com o presidente estadunidense, Joe Biden, o objetivo é lidar com as ameaças crescentes e compartilhar tecnologia na área de inteligência artificial, guerra cibernética e na construção de submarinos de propulsão nuclear. Apesar de ocupar um papel proeminente no Indo-Pacífico, a Índia não compõe esse bloco. Portanto, de que maneira o AUKUS afeta os interesses indianos?

A posição da Índia, segundo o Secretário de Relações Exteriores, Harsh Vardhan Shringla, é de que o AUKUS não terá qualquer impacto sobre o QUAD (Austrália, EUA, Índia e Japão) por serem acordos de natureza distintas. O AUKUS é uma organização de segurança, enquanto o QUAD é um fórum plurilateral que compartilha a ideia de livre navegação no Indo-Pacífico. Ao contrário da França, o discurso indiano não se traduz em exclusão. Contudo, não se pode deixar de avaliar uma possível mudança na política dos EUA, no tocante a um novo parceiro de confiança para atuar no Indo-Pacífico, como a Austrália. A iniciativa dos EUA de transferir tecnologia avançada à Canberra contrapõe-se ao caso indiano, que não conseguiu adquirir a tecnologia

dos estadunidenses, apesar do fortalecimento dos laços bilaterais nos últimos anos.

Mesmo assim, Nova Délhi deve se beneficiar com essa coalizão, que reflete a determinação dos EUA em dissuadir a China, o que poderá contribuir para um equilíbrio de poder no Indo-Pacífico. Conforme os indianos estejam pressionados com as ameaças de Pequim, ter parceiros para auxiliar na estabilidade do ambiente marítimo permite à Índia concentrar esforços no sul da Ásia e no seu conturbado ambiente doméstico, principalmente.

Se os Estados Unidos estão buscando um novo aliado, Nova Délhi também está trabalhando com a alternativa de parceiros estratégicos. Com a França excluída e a Índia buscando reduzir a dependência da Rússia no setor de Defesa, o AUKUS pode levar a um acordo indo-francês para a construção de submarinos nucleares. Assim sendo, espera-se uma Índia pragmática acerca do AUKUS. Apesar de não fazerem parte do acordo, os indianos entendem que é mais importante dissuadir a China do que provocar desgaste diplomático, uma vez que os integrantes do AUKUS são parceiros com os quais a Índia já possui acordos paralelos. Portanto, a cooperação estratégica e a diplomacia do multialinhamento devem continuar pautando a política externa indiana.

DOI 10.21544/2446-7014.n149.p11.

As ilhas Curilas e a disputa Russo-Japonesa

João Pedro Grilo

A relação entre o Japão e a Rússia é historicamente marcada por disputas territoriais. Entre o estabelecimento de vínculos diplomáticos e comerciais com o Tratado de Shimoda de 1855, e a sua normalização pós 2ª Guerra Mundial, com a Declaração Conjunta Soviético-Japonesa de 1956, estas disputas estiveram sempre presentes. A principal fonte deste atrito são as Ilhas Curilas - quatro ilhas ocupadas pelos russos desde o fim da 2ª Guerra Mundial e reivindicadas pelos japoneses ([Boletim 134](#)). Com a proximidade da formação do novo governo japonês, este texto busca observar a atual dinâmica diplomática russo-japonesa no que diz respeito às ilhas Curilas

Uma recente declaração do presidente Vladimir Putin criou um desconforto com os nipônicos. No dia 03 de setembro de 2021, durante o Fórum Econômico do Leste, o líder russo manifestou o interesse em estabelecer uma Zona Econômica Especial nas ilhas reivindicadas pelo Japão. Este cenário possibilitaria a atuação de empresas estrangeiras na região, que ficariam isentas de pagar impostos de renda e propriedade por dez anos. Essa medida também asseguraria a aplicação da legislação russa sob tais instituições, não somente contrariando os interesses japoneses em mantê-las sob sua jurisdição, mas também acirrando a concorrência contra suas empresas.

Este movimento russo surge como consequência da falta de continuidade da política ativa de cooperação econômica e diplomática japonesa. Durante o mandato do ex-primeiro-ministro Shinzo Abe, recorrentes encontros entre os líderes foram promovidos, além da realização de projetos para o desenvolvimento da região pautados pelo Plano de Cooperação Econômica de oito pontos de 2016. Em contraste, a administração de Yoshihide Suga demonstrou pouco interesse nesta agenda, o que, somado à visita do primeiro-ministro russo às ilhas em julho deste ano, dificultou um eventual acordo entre as partes envolvidas.

Diante disso, a formação do novo governo japonês, encabeçado por Fumio Kishida, e o relativo controle dos casos de COVID-19 no país podem modificar esse cenário. Segundo o Ministro das Relações Exteriores do Japão, Toshimitsu Motegi, há intenção de continuar o diálogo com a Rússia para resolver a questão das ilhas e assinar um tratado de paz. No entanto, o homólogo russo, Sergey Lavrov, afirmou que é muito cedo para avaliar o futuro diálogo antes da formação e consolidação do novo governo japonês. Portanto, o futuro das relações bilaterais nipo-russas depende da resolução da questão das ilhas Curilas. Cabe observar como Kishida conduzirá as negociações.



O atual estágio do programa de Submarinos da China e suas tendências

Rodrigo Ribeiro

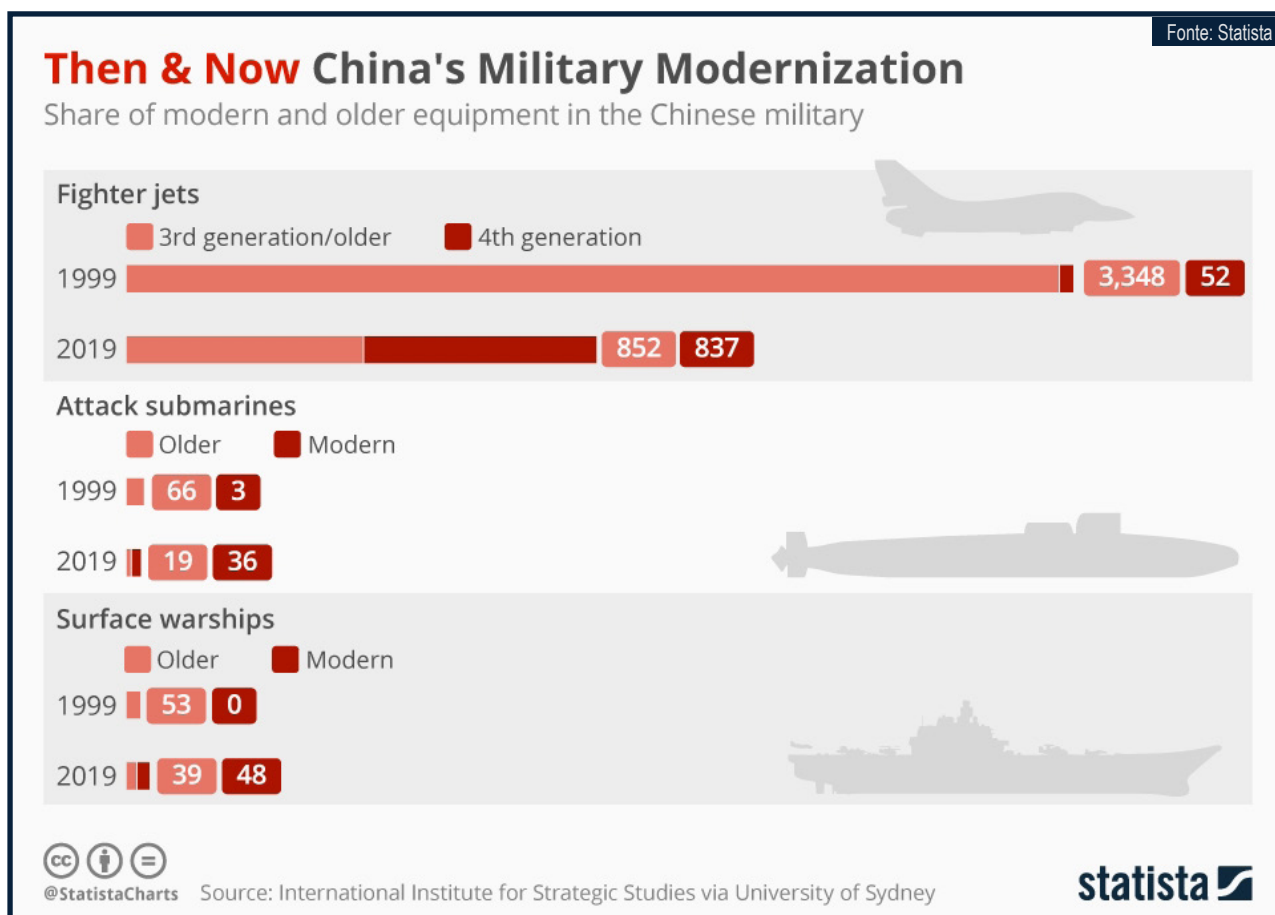
Desde o início do recente processo de modernização das Forças Armadas da China, o programa de submarinos do país tem recebido atenção especial. Isso permitiu que, nos últimos anos, Pequim expandisse consideravelmente suas capacidades de dissuasão, comissionando uma série de novos submarinos convencionais e nucleares. Assim, a partir dos recentes desenvolvimentos do programa de submarinos da China, este artigo busca levantar as principais tendências relacionadas desse programa da Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, sigla em inglês).

Atualmente, a flotilha de submarinos da PLAN opera 12 submarinos de propulsão nuclear — sendo 06 destes balísticos —, além de ao menos 59 submarinos convencionais. O rápido comissionamento de novos submarinos tem se voltado para a modernização da força, repondo as embarcações antigas por navios mais recentes.

Esse processo de modernização não se restringe à incorporação de novas embarcações. Em maio de 2021, a China comissionou um novo míssil balístico lançado por submarino (denominado *JL-3*) aumentando o

alcance de seus mísseis balísticos para 10.000 km. Além disso, os novos submarinos convencionais de Pequim, denominados *Type 039D*, apresentam uma mudança significativa no design de suas velas, com o objetivo de diminuir o risco destes serem detectados por embarcações inimigas, problema tido como recorrente nos submarinos chineses. Por fim, em julho deste ano, a PLAN anunciou que está desenvolvendo, a mais de dez anos, um drone submarino capaz de rastrear e atacar submarinos inimigos sem interferência humana, demonstrando que a China pretende cada vez mais aplicar tecnologias de inteligência artificial em seus meios de dissuasão.

Portanto, seja em uma eventual disputa no Estreito de Taiwan, no Mar do Sul da China, no Estreito de Malaca, ou mesmo em um cenário de aumento de tensões com a Austrália, o uso de submarinos será de extrema importância para que a China exerça a dissuasão e negação do uso do mar. Isso explica o aumento de investimentos em novas embarcações e tecnologias avançadas. Nesse sentido, a tendência é que, principalmente com o recente anúncio do AUKUS ([Boletim 148](#)), os investimentos de Pequim em seu programa de submarinos continuem.



Novos parceiros militares para o Vietnã

Gabriela Veloso

Em meio às crescentes tensões no Mar do Sul da China (MSC), muitos países do sudeste asiático vêm se precavendo a partir de novos parceiros, exercícios militares, construção de bases, compra de armamentos, entre outros. Nesse escopo, o Vietnã vem passando por um processo de modernização de suas Forças Armadas desde a primeira década dos anos 2000, de forma significativa, porém lenta. Com a pandemia de COVID-19, muitos analistas supuseram que a modernização militar vietnamita ficaria estagnada, e este teria que recorrer a antigos parceiros, dos quais busca se afastar. No entanto, mesmo em meio ao cenário de crise sanitária mundial, o país acabou surpreendendo. Observando essa conjuntura, China e Estados Unidos buscam expandir suas influências sobre as nações envolvidas, as quais, no entanto, estão interagindo para além das parcerias com ambos. Neste sentido, como são as relações do Vietnã com as potências inseridas nesse tabuleiro regional?

Ao levar em consideração a escalada das dinâmicas no MSC e seus próprios interesses, o Vietnã tem conseguido novos parceiros. Para além de Índia e Rússia — países com os quais havia cooperado importando tecnologia e materiais — e em um movimento de afastamento da China, o Vietnã buscou recursos com

Estados Unidos e Japão, indicando uma possível mudança de comportamento.

Em agosto, o país recebeu equipamentos militares estadunidenses, inclusive da guarda costeira. Os norte-americanos sinalizaram um desejo de fortalecer laços com os vietnamitas. Não obstante, merece destaque o novo acordo estabelecido entre Japão e Vietnã na última semana de agosto, que permite a exportação de equipamentos e tecnologia de Defesa japonesa para Hanói. Este passo coloca a parceria de Defesa nipo-vietnamita em outro nível. Os dois países alegaram, inclusive, que pretendem aprofundar seus laços neste setor por meio de exercícios conjuntos multinacionais e outros meios. Esta parceria foi fruto da visita do Ministro de Defesa do Japão, Nobuo Kishi ao Vietnã, no dia 12 de setembro.

Portanto, o país do sudeste da Ásia encontra-se estrategicamente entre potências opositoras, como demonstra o encontro de Kishi com seu homólogo vietnamita, Phan Van Giang, coincidindo com a visita do chanceler chinês, Wang Yi, ao país. Enquanto japoneses e vietnamitas fortalecem seus laços militares, os chineses operam por outra frente, planejando doar três milhões de doses da vacina contra o coronavírus ao Vietnã.



O possível emprego de propulsão nuclear para embarcações comerciais

Jéssica Germano

Globalmente empresas que operam no setor marítimo, no ramo de engenharia naval e de tecnologia, desenvolvem soluções sustentáveis e inovadoras para as embarcações mercantes, visando mitigar os impactos ambientais. Isto, sobretudo em razão das medidas definidas pela Organização Marítima Internacional (IMO, em inglês), voltadas à redução da emissão de gases do efeito estufa (GEE) por embarcações do transporte marítimo (Boletim 140). Diversas tecnologias vêm sendo desenvolvidas e testadas, dentre elas a de propulsão nuclear para embarcações comerciais. Assim, questiona-se sobre os possíveis impactos do emprego desta tecnologia para este fim.

Atualmente, as embarcações com propulsão nuclear são majoritariamente de uso militar, operadas por potências nucleares como China, Estados Unidos, França, Índia, Reino Unido e Rússia, esta última que também opera navios quebra-gelo movidos por energia nuclear. Existem, ainda, os casos de países como Austrália e Brasil, que não possuem armas nucleares; entretanto, planejam e desenvolvem projetos estratégicos de submarinos dotados de propulsão nuclear. Destaca-se que entre 1964 a 1972 os EUA já operavam o *NS Savannah*, primeiro navio mercante com propulsão nuclear. Ademais, no contexto atual, esta tecnologia é uma proposta que se mostra cada vez mais como uma opção viável, a ser considerada pela indústria marítima

internacional.

De acordo com especialistas, a ideia é que estas embarcações comerciais possam operar com pequenos reatores nucleares modulares (SMR, em inglês), tecnologia em franco desenvolvimento. Ainda, apesar dos elevados custos operacionais e de manutenção da tecnologia nuclear, estes poderiam ser compensados pela economia de combustível e maior velocidade atingida durante o percurso marítimo, o que reduziria o tempo de viagem, possibilitando maior lucro, além de evitar a emissão dos GEE e degradação ambiental. Entretanto, ainda se trata de uma possibilidade.

Outrossim, organizações internacionais como a IMO e Agência Internacional de Energia Atômica devem atualizar a legislação porventura já existente sobre o tema, formular novos conceitos e entendimentos, assim como desenvolver tratativas pela plena regulamentação deste tipo de propulsão para fins comerciais, evitando assim um hiato gerencial. Ademais, uma série de atores marítimos seriam afetados nesta implementação tecnológica, como armadores, tripulações, seguradoras, portos, empresas do setor marítimo, indústria naval, assim como os Estados e suas Marinhas, dados os possíveis riscos desta operação, relacionados à radiação, proliferação e acidentes. Deve-se guardar ainda a preocupação quanto a proteção da vida humana no mar, preservação ambiental, segurança da navegação e das operações marítimas.



- ▶ [Russia and Iran: Disappointed Friends of the Taliban?](#)
RUSI, Antonio Giustozzi
- ▶ [National Security and the Innovation Ecosystem](#)
CSIS, James Andrew Lewis
- ▶ [Building global climate security](#)
CHATHAM HOUSE, Patrick Schröder e Thammy Evans
- ▶ [What does AUKUS mean for Europe's Indo-Pacific strategies?](#)
IISS
- ▶ [The external dimension of the EU's fight against transnational crime: Transferring political rationalities of crime control](#)
CAMBRIDGE, Alessandra Russo e Eva Magdalena Stambøl

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por Isadora Jacques

OUTUBRO



REFERÊNCIAS

- **Migração e segurança: crise na fronteira entre Chile e Bolívia**
[Pese a mano dura del Gobierno en materia migratoria, el ingreso de extranjeros por pasos no habilitados llega a máximo histórico.](#) **El Mostrador**, Santiago, 06 set. 2021. Acesso em: 17 set. 2021.
ARÁNGUIZ, O. [Chile instala nuevos puestos de observación en la frontera con Bolivia.](#) **Infodefensa**, [s.l.], 13 set. 2021. Acesso em: 17 set. 2021.
 - **Aquecimento do Atlântico e às políticas climáticas de Biden para os oceanos**
MILMAN, O. [US north-east faces rapid warming amid global climate crisis.](#) **The Guardian**, Londres, 23 set. 2021. Acesso em: 28 set. 2021.
RUNZEL, C. [President Biden Uses His First 100 Days to Protect the Ocean.](#) **Audubon**, Nova Iorque, 04 maio 2021. Acesso em: 28 set. 2021.
 - **Ruanda, França e o tabuleiro moçambicano**
FAUJAS, A. [Macron au Rwanda: la France va débloquent plus de 350 millions d'euros.](#) **Jeune Afrique**, 29 maio 2021. Acesso em: 04 set. 2021.
[Mozambique : Total suspend son projet gazier pour cas de "force majeure".](#) **France24**, Paris, 26 abr. 2021. Acesso em: 04 set. 2021.
 - **Grécia e França reforçam parceria de Cooperação de defesa**
STAMOULI, N. [France inks Greek defense deal after losing sub contract.](#) **Político**, Atenas, 27 set. 2021. Acesso em: 01 out. 2021.
FRANÇA. [Ministère des Armées. Communiqué La Grèce et la France renforcent encore leur coopération de défense : acquisition de 3 Frégates de défense et d'intervention \(FDI\) par la Grèce,](#) 28 set. 2021. Acesso em 01 out. 2021.
 - **O exercício REP MUS 21 e a primeira participação da Espanha**
VILLAREJO, E. [La Armada ya prueba barcos no tripulados para reforzar sus misiones.](#) **ABC**, 01 out. 2021. Acesso em: 02 out. 2021
GARCÍA, J. [La armada y empresas españolas participan en el mayor ejercicio OTAN de sistemas no tripulados.](#) **Defensa.com**, 21 set. 2021. Acesso em: 02 out. 2021
 - **O impasse geopolítico e os empecilhos para entrada da Ucrânia na OTAN**
TICKLE, J. [Ukraine won't join NATO until it achieves 'democratic standards' & respects rights of minorities, says Hungarian foreign minister.](#) **RT**, Londres, 24 set. 2021. Acesso em: 24 set. 2021.
[Ukraine doesn't meet criteria to join NATO - Hungarian minister.](#) **TASS**, Moscou, 24 set. 2021. Acesso em: 24 set. 2021
 - **Segurança energética em foco: a nova jogada da Gazprom**
[Gazprom Gas Deal Rekindles Tension Between Hungary and Ukraine.](#) **Bloomberg**, Nova Iorque, 27 set. 2021. Acesso em: 01 out. 2021.
[Hungary and Russia reach long-term gas supply agreement.](#) **IntelliNews**, Berlim, 31 ago. 2021. Acesso em: 01 out. 2021.
 - **As ilhas Curilas e a disputa Russo-Japonesa**
TSURUOKA, M. [Resetting Japan-Russia Relations: Challenges for a new prime minister.](#) **The Diplomat**, Tóquio, 07 out. 2020. Acesso em: 14 set. 2021.
[Japan riled by Putin's proposed economic zone in northern isles.](#) **The Asahi Shimbun**, [s.l.], 08 set. 2021. Acesso em: 13 set. 2021.
 - **O atual estágio do programa de submarinos da China e suas tendências**
AXE, D. [China Is Bolstering Its Arsenal of Nuclear Submarines.](#) **The National Interest**, Washington, 25 set. 2021. Acesso em: 01 out. 2021.
CHEN, S. [China reveals secret programme of unmanned drone submarines dating back to 1990s.](#) **South China Morning Post**, Hong Kong, 08 jul. 2021. Acesso em: 01 out. 2021.
 - **Principais impactos do AUKUS para a política externa indiana**
PRAKASH, A. [The new AUKUS alliance holds some lessons for India.](#) **The Indian Express**, Noida, 22 set. 2021. Acesso em: 22 set. 2021.
MOHAN, R. [With AUKUS dividing the Western bloc, is there a role for India?.](#) **The Indian Express**, Noida, 22 set. 2021. Acesso em: 22 set. 2021.
 - **Novos parceiros militares para o Vietnã**
[Japan, Vietnam sign defence transfer deal amid China worries.](#) **Al Jazeera**, Doha, 12 set. 2021. Acesso em: 22 set. 2021.
[Amid China worries, Japan-Vietnam sign defence export deal.](#) **South China Morning Post**, Doha, 11 set. 2021. Acesso em: 22 set. 2021.
 - **O possível emprego de propulsão nuclear para embarcações comerciais**
[Operational considerations for commercial nuclear propulsion.](#) **Asia Shipping Media**, [s.l.], 06 set. 2021. Acesso em: 23 set. 2021.
CONCA, J. [International Marine Shipping Industry Considers Nuclear Propulsion.](#) **Forbes**, Jersey City, 09 nov. 2020. Acesso em: 23 set. 2021.
Capa: [Greece Signs MOU With Naval Group And MBDA For FDI Frigates.](#)
Por: Naval News.
- Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por Rafael Esteves Gomes

► ALTO RISCO

- AFGANISTÃO — Crise estrutural: [Kabul mosque bomb blast leaves 'at least civilians dead', Taliban say](#). **Sky News**, 03 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- GUINÉ — Golpe de Estado: [Mamady Doumbouya: Guinea coup leader sworn in as president](#). **BBC News**, 02 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- HAITI — Crise estrutural: [En plena crisis se posponen elecciones en Haití, sin fecha definida](#). **Listin Diario**, 29 set. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Four dead in Aden gun battle as Yemen's separatists go to war](#). **Arab News**, 03 out. 21. Acesso em: 05 out. 2021
- LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon after the Beirut blast: A nation stuck in a moment](#). **Al Jazeera**, 05 out. 21. Acesso em: 05 out. 2021
- MYANMAR — Golpe militar: [ASEAN 'disappointed' with Myanmar military's peace commitment](#). **AlJazeera**, 04 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Venezuela le quita seis ceros a su moneda, la tercera conversión del chavismo](#). **El País**, 01 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.

► MÉDIO RISCO:

- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [The exemplary U.S. sanctions regime for Ethiopia's Tigray conflict and its limitations](#). **Bookings**, 01 out. 2021. Acesso em: 04 out 2021.
- MALI — Instabilidade política: [Mali's plan for Russia mercenaries to replace French troops unsettles Sahel](#). **BBC News**, 02 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: SADC Forces Kill Terrorist Leader](#). **All Africa**, 03 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
- SÍRIA — Insegurança regional: [Dry year leaves Syria wheat farmers facing crop failure](#). **France 24**, 05 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.

- SOMÁLIA — Crise eleitoral e humanitária: [Somalia: PM Roble Meets With Electoral Security Committee](#). **BBC News**, 03 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - TUNÍSIA — Instabilidade interna: [Tunísia é primeiro país árabe a nomear mulher para cargo de primeira-ministra](#). **CNN**, 29 set. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças com Rússia: [European Union considers sending military training mission to Ukraine](#). **Times of India**, 03 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
- MONITORAMENTO:
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenian PM reiterates willingness to meet with Azerbaijan's Aliyev](#). **Public Radio of Armenia**, 04 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Polônia acusa Belarus de usar migrantes para desestabilizar UE](#). **DW**, 05 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - COLÔMBIA — Crise estrutural: [Sin ley ni Dios: así es el viaje de los haitianos por el Darién colombiano](#). **El Espectador**, 28 set. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - EQUADOR — Crise penitenciária: [Ecuador police, military enter Guayaquil jail amid violence](#). **Reuters**, 03 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea piracy dropped by 80% in 2021, \\$783 million lost to piracy – NIMASA](#). **Nairametrics**, 16 set. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - LÍBIA — Em cessar-fogo: [Libya: War crimes likely committed since 2016, UN probe finds](#). **United Nations**, 04 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - MAR DO SUL DA CHINA — Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [South China Sea row erupts as UK sends Royal Navy ship into contested waters](#). **Daily Express**, 04 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - TAIWAN — Incurções aéreas chinesas: [In Three Days, Nearly a Hundred Chinese Warplanes Swarmed Around Taiwan](#). **Forbes**, 04 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021
 - CHINA — Crise energética: [How bad is China's energy crisis?](#). **The Guardian**, 29 set. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - COREIA DO NORTE — Testes de mísseis: [North Korea Sends Confusing Signals: Dialogue or Tension?](#). **The Guardian**, 01 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021
 - MEDITERRÂNEO CENTRAL — Aumento expressivo de travessias de migrantes: [Rescue vessel docks in Italy, disembarks 60 migrants](#). **AP News**, 29 set. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
 - MÉXICO — Crise migratória: [Solicitudes de asilo en México se incrementan 120 por ciento](#). **Excélsior**, 03 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - NICARÁGUA — Crise política: [A casi un mes de la farsa electoral 2021, ¿qué viene después para Nicaragua y Ortega? Especialistas dan luces](#). **La Prensa**, 04 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - NÍGER — Aumento da atividade terrorista: [What's behind the rising violence in western Niger?](#) **The New Humanitarian**, 23 set. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.
 - REINO UNIDO — Crise de Abastecimento: [Soldiers are delivering fuel in Britain as 'challenging' shortages persist](#). **CNN Business**, 04 out. 2021. Acesso em: 04 out. 2021.